

ANGÉLICA SOARES DE OLIVEIRA NOBRE

**A GRANDE REVIRAVOLTA DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA
CULTURAL:
novos temas e grupos sociais na pesquisa em sala de aula**

SANTOS - SP
2019

ANGÉLICA SOARES DE OLIVEIRA NOBRE

**A GRANDE REVIRAVOLTA DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA
CULTURAL:
novos temas e grupos sociais na pesquisa em sala de aula.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo da Universidade Federal de Juiz de Fora - Centro de Educação da Distância, Polo de Santos, como requisito e título de especialista em História e Cultura no Brasil Contemporâneo.

Orientadora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo.

SANTOS - SP

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nobre, Angélica Soares de Oliveira.

A grande reviravolta da história e a história cultural : novos temas e grupos sociais na pesquisa em sala de aula / Angélica Soares de Oliveira Nobre. – 2019.

27 f.

**Orientadora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, 2019.**

1. História Cultural. 2. História das Mulheres. 3. Ensino de História. 4. Livro Didático. I. Theophilo, Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals, orient. II. Título.

ANGÉLICA SOARES DE OLIVEIRA NOBRE

**A GRANDE REVIRAVOLTA DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA
CULTURAL:
novos temas e grupos sociais na pesquisa em sala de aula.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo da Universidade Federal de Juiz de Fora - Centro de Educação da Distância, Polo de Santos, como requisito e título de especialista em História e Cultura no Brasil Contemporâneo.

Orientadora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora Professora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo

Professor(a): Nome e Titulação dos Membros da banca

Santos, ____ de Agosto de 2019

RESUMO

O presente projeto de intervenção foi pensado a partir da experiência em sala de aula na escola pública da rede Estadual de Ensino de São Paulo, no qual identifiquei, nos livros didáticos e no currículo escolar, a predominância de uma narrativa eurocêntrica e masculina, que pouco valoriza e aborda a temática da História das Mulheres ou, mesmo, uma história que não seja alicerçada unicamente na visão do “homem branco europeu”, tido como sujeito universal e único produtor de conhecimento. Assim, esse projeto tem como objetivo propiciar o desenvolvimento de senso crítico nos alunos e alunas, bem como demonstrar a importância da valorização da diversidade de sujeitos históricos nas narrativas, tendo como foco as mulheres. A intervenção deverá ser realizada por meio de debate e investigação, feita pelos próprios estudantes, dos modos como os diferentes sujeitos históricos são abordados nos livros didáticos, considerando-se que são com esses materiais que os alunos mais possuem contato ao longo de sua jornada escolar. .

Palavras-chave: História Cultural; História das Mulheres; Ensino de História; Livro Didático.

ABSTRACT

The present intervention project was thought from the classroom experience in the public school of the state school of São Paulo, in which I identified in the textbooks and in the school curriculum, the predominance of a Eurocentric and masculine narrative, which little values and addresses the theme of Women's History or even a story that is not based uniquely on the vision of the "European white man", considered as the universal subject and sole producer knowledge. Thus, this project aims to foster the development of critical thinking in students, as well as demonstrate the importance of valuing the diversity of historical subjects in narratives, focusing on women. The intervention should be accomplished through discussion and research, made by the students themselves about the ways in which different historical subjects are approached in textbooks, considering that it is with these materials that students have the most contact throughout their school day.

Keywords: Cultural history; Women's History; History Teaching; Textbook.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	1
2	PROBLEMATIZAÇÃO.....	1
3	JUSTIFICATIVA	2
4	OBJETIVO GERAL	4
5	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
6	REVISÃO DA LITERATURA	5
7	METODOLOGIA/DETALHAMENTO DO PROJETO/PLANO DE AÇÃO	9
7.1	SUJEITOS DA INTERVENÇÃO	9
7.2	INSTRUMENTOS DA INTERVENÇÃO	10
7.3	PROCEDIMENTOS DA INTERVENÇÃO	11
7.4	RESULTADOS ESPERADOS	13
7.5	AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	13
8	CRONOGRAMA.....	14
9	REFERÊNCIAS	15
10	ANEXOS.....	17

**A GRANDE REVIRAVOLTA DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA CULTURAL:
NOVOS TEMAS E GRUPOS SOCIAIS NA PESQUISA EM SALA DE AULA
ANGÉLICA SOARES DE OLIVEIRA NOBRE
ORIENTADORA: GABRIELA ALEXANDRA MITIDIERI MALTA CALS
THEOPHILO
AGOSTO DE 2019 - SANTOS-SP**

1) Apresentação

A partir da percepção de que a História, como disciplina imersa no tempo, possui sua própria historicidade, e considerando o movimento interdisciplinar ocorrido nos últimos anos, tal projeto propõe discutir como os debates promovidos pela História Cultural trouxeram novos temas para a pesquisa histórica, alterando a postura de professores e pesquisadores quanto ao uso de fontes históricas. Esse movimento colaborou para que grupos sociais que não costumavam aparecer na historiografia tradicional fossem, a partir de então, vistos como sujeitos históricos e objetos de estudo.

Dessa forma, ao reconhecer a necessidade e importância (em especial no contexto social e político atual do Brasil), de um estudo de História que valorize a diversidade da comunidade humana e sua agência no mundo, sem priorizar apenas 'grandes personalidades' e suas ligações com a política, tal projeto parte da linha de pesquisa da História Cultural para analisar e propor uma alternativa de trabalho para o professor da educação básica. Trata-se de um projeto em História, com alunos da terceira série do ensino médio, que incentive a autonomia na realização da pesquisa na escola, assim como a compreensão da diversidade de sujeitos históricos. Em especial, o projeto destaca a História das Mulheres e a forma como essa temática é abordada nos livros didáticos dos níveis da educação básica (EF e EM) das escolas públicas do Estado de São Paulo.

2) Problematização

Reconhecendo, como dito acima, a existência de uma mudança significativa nos debates historiográficos ocorridas ao longo do século XX, que trouxe novas questões e novos agentes históricos para a pesquisa dos historiadores, o que se questiona neste projeto é: como levar os alunos da educação básica, da última série do ensino médio, a perceberem o predomínio, ainda hoje, de uma historiografia eurocêntrica e masculina nos livros didáticos utilizados na escola que frequentam? Pois, mesmo que a disciplina tenha passado por transformações, os currículos

escolares do Ensino Médio da rede pública estadual de São Paulo não acompanharam essas mudanças no mesmo ritmo. Isso se torna especialmente claro quando se investiga o tratamento oferecido ao segmento de estudo da História das Mulheres. Por consequência, tal panorama reflete-se nas narrativas dos livros didáticos, o que não contribui para a valorização da diversidade de sujeitos históricos, suas múltiplas visões de mundo e as diferentes experiências vividas por esses sujeitos.

É consenso entre vários historiadores a importância de tornar a História cada vez mais 'democrática' e problematizadora. Mas, o desafio, está em transpor os estudos do campo acadêmico para o espaço escolar. Os questionamentos que serão colocados em jogo no projeto de intervenção têm como norte, portanto, a afirmação de Sanjay Seth: "nós, modernos, acreditamos que cada pessoa tem uma história, ainda que nem todas as pessoas tenham uma historiografia".(SETH,2013. p.174)

3) Justificativa

Diferentes concepções de Ensino de História podem ser observadas ao longo do tempo no Brasil. Elas expressam a mentalidade de uma época - ou melhor, a mentalidade de um grupo específico em determinada época. Os temas abordados, a estratégia utilizada para ensinar, a própria concepção de ensino e de educação mudam conforme as necessidades e vivências da sociedade, mas é válido lembrar, também, que a própria sociedade é impactada por essas concepções de ensino, afinal, trata-se de um processo dialogado. Dessa forma, percebe-se que o currículo de História, ou qualquer outro, está ligado diretamente às visões, entendimentos e escolhas de algum grupo que, naquele momento, tem o poder de produzi-lo e disseminá-lo, de modo a conquistar hegemonia.

Nessa perspectiva, a proposta aqui discutida tem o objetivo de repensar o Ensino de História, defendendo a concepção de que ensinar vai além de reproduzir conhecimentos, mas busca um pensamento crítico. Para tanto, deve-se considerar, que a história ensinada em sala de aula é resultado de algum recorte histórico e teórico, de alguma seleção realizada por alguém ou por um grupo. Sendo assim, nenhuma proposta está isenta das escolhas e interpretações de quem as produziu, conforme apontam Marcos Antônio da Silva e Selva Guimarães Fonseca: "as

histórias são frutos de múltiplas leituras, interpretações de sujeitos históricos situados socialmente”.¹

Como dito anteriormente, há a necessidade de maior comunicação entre os estudos promovidos pela academia e aqueles ensinados pelos professores nas escolas de educação básica. Por mais que os estudos acadêmicos demonstrem uma abertura a novas temáticas e novos agentes históricos, antes marginalizados pela historiografia “tradicional positivista”, tal abrangência não se reflete claramente nos níveis iniciais da educação.

Assim, a motivação para este projeto partiu da identificação de um currículo escolar com predominância de uma historiografia eurocêntrica e masculina, que pouco valoriza e aborda a temática da História das Mulheres ou a História que não seja a europeia. Partiu, também, da percepção de que, quando esses segmentos são referenciados, aparecem mais como um apêndice, ou seja, uma parte anexa à “parte principal”. Essa perspectiva histórica, conseqüentemente, interfere na produção dos livros didáticos que chegam nas escolas de educação básica. Visto isso, esses livros, em geral, priorizam uma abordagem que privilegia aspectos institucionais, políticos e econômicos, em detrimento da exposição da agência das “pessoas comuns” e de grupos subalternizados - pouco contribuindo para que os alunos percebam que a história da humanidade é feita coletivamente. Dessa forma, tal projeto objetiva intervir em seu público alvo, alunos da última série do ensino médio da educação básica, de forma que os auxilie na percepção das experiências e visões de mundo dos diversos sujeitos históricos, bem como na necessidade da presença desses sujeitos nas narrativas historiográficas.

A efetividade desse projeto se faz de forma simples para o gestor/professor que o aplicará, pois contará com materiais didáticos da própria escola em que frequentam os alunos alvos de tal intervenção, além de materiais adicionais que objetivam levar os alunos à reflexão e criticidade da narrativa histórica apresentada pelos livros didáticos. A delimitação de tempo do projeto que é viável e atende ao período em que o professor trabalhará com a turma naquela série, ou seja, não mais que um ano.

Isto posto, o projeto se faz pertinente para o ensino e produção do conhecimento histórico no espaço escolar, tanto para o professor que aplicará a

¹ FONSECA, Selva Guimarães. SILVA, Marcos Antônio da. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. In. Revista Brasileira de História. Vol.30 no.60 São Paulo 2010.

intervenção quanto para o aluno alvo dessa ação pedagógica. Possibilitará ao professor trabalhar com uma abordagem diferente da oferecida pelo livro didático e, aos alunos, o contato com um viés historiográfico que contribuiu para a multiplicação do universo temático e documental da pesquisa histórica. Refiro-me, especialmente, à chamada História Cultural e seus desdobramentos, que buscaram pôr em evidência grupos sociais que, antes, ficavam ocultos. Torna-se Interessante também, para os alunos, o contato com diferentes narrativas historiográficas, que expressam as diversas maneiras como os historiadores enxergaram o presente e o passado em cada época.

4) Objetivo Geral

Este projeto pedagógico objetiva valorizar as múltiplas identidades dos sujeitos históricos, admitindo que a História possui, ela mesma, uma história em sua constituição como ciência, que é marcada por valores culturais e geográficos específicos. Busca-se, aqui, refletir sobre a necessidade de compreender e repensar o discurso histórico, na crença de que se torna cada vez mais importante reconhecer a pluralidade das sociedades. Nesse sentido, observa-se a existência de debates contemporâneos que buscam uma revisão crítica da abordagem eurocêntrica na história, que privilegia a narrativa construída pelo “homem branco europeu”. Desse modo, serão destacados outros pontos de vista, a partir, por exemplo, dos debates empreendidos no âmbito da História das mulheres e do pensamento decolonial, além daqueles formulados no interior do campo, já citado, da História Cultural.

5) Objetivos Específicos

O Projeto propõe investigar como os sujeitos históricos são abordados nos livros didáticos utilizados pelos alunos, analisando a presença ou ausência, a 'padronização' ou a variação por meio das quais esses sujeitos são apresentados nesses materiais. Nesse sentido, é importante enfatizar que os livros didáticos constituem o material com o qual os alunos mais têm contato ao longo de sua jornada escolar. A proposta aqui apresentada visa, também, propiciar o desenvolvimento do senso crítico e demonstrar a importância de valorizar a diversidade de atores na experiência histórica, em especial as mulheres. Além disso, o projeto possibilita ao educando o contato com a pesquisa, a partir da tarefa de coletar e comparar informações, contribuindo, ao final, para a habilidade de produzir textos e reflexões em grupo.

6) Revisão da Literatura

É compreensível que mudanças historiográficas não ocorram rapidamente na academia, portanto, é evidente, também, que elas demorem ainda mais para serem transpostas para o espaço escolar e seus materiais. Sendo assim, o professor do ensino básico pode e deve colaborar neste processo de demonstrar ao aluno, por exemplo, a importância da valorização dos diversos sujeitos históricos que compõem o mundo social. .

Os segmentos de estudo feminista e decolonial colaboraram, a partir das décadas de 1970 e 1980, para uma mudança significativa nos debates historiográficos, especialmente para uma mudança na perspectiva temática e metodológica da escrita da história. Para além das vertentes mencionadas, pode-se dizer que houve, desde os anos de 1960, aproximadamente, uma "virada cultural" no conhecimento histórico, que abandonou generalizações para focar "nos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos". (BURKE, 2008, p.8). Observa-se, assim, que existe uma reflexão sobre a historiografia na contemporaneidade buscando incentivar um olhar cada vez mais plural para a experiência histórica, valorizando novos temas e grupos sociais e abandonando, dessa maneira, a perspectiva centralizadora da historiografia positivista do século XIX. O diálogo com outras disciplinas também torna-se fundamental para o questionamento de "verdades universais", que colocaram o homem branco europeu como único portador e sujeito da história.

Partindo do reconhecimento que o estudo da História se faz a partir de questões postas no presente, que nos motivam a refletir sobre o passado, a autora Fabiana Rodrigues (2014), em seu texto "*Narrativas e (re) invenções de uma professora em movimento*", discute sobre a historicidade dos currículos escolares e nos aponta para a necessidade da superação da busca de uma "verdade" única e absoluta. É necessário, então, que o professor/historiador reflita os aspectos de construção intencional do currículo, questionando o porquê da escolha de certas memórias em detrimento de outras. Dessa forma, importa, também, que os conhecimentos apresentados em sala de aula sejam problematizados.

Nessa mesma perspectiva, encontra-se o autor Joaquim Prats (2006) em seu texto "*Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*". O autor questiona conhecimentos transmitidos em sala de aula como se fossem algo "pronto e acabado". Para ambos, Rodrigues e Prats, uma das funções educativas da História é trabalhar a alteridade com os alunos e "contribuir para o conhecimento e a

compreensão de outros países e culturas do mundo atual" (PRATS,2006, p.5). Portanto, se o ensino de História é visto apenas como memorização, como se fosse apartado de questões sociais atuais, há aí um problema.

Como sugestão para que isso não ocorra, o trabalho com fontes históricas já na educação básica e a introdução do método de análise histórica podem auxiliar na desnaturalização da ideia de História memorizada, "pronta e acabada". Pois, apesar da disciplina histórica não poder "reproduzir os fatos do passado em laboratório", como afirmou Prats (2006), ela possui convenções e técnicas de investigação, que pressupõem, por exemplo, a análise de fontes variadas.

As transformações no campo da História ocorridas ao longo do século XX afirmaram a noção de que "o sujeito da história não era universal" (SOIHET, 1997, p.403). Assim, a história eurocêntrica, positivista, que valorizava como único portador de verdade e conhecimento o "homem branco europeu", começou a ser questionada. Além dos estudos pós-coloniais

Outra luta pela independência, o feminismo, teve implicações igualmente amplas para a história cultural, pois estava preocupada tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional (BURKE, 2008, p.65)

Nesse sentido, a autora Joana Maria Pedro (2005) afirma que a História não dava lugar para as mulheres. Assim, a colaboração dos estudos e críticas feministas na área acadêmica foram fundamentais, ao possibilitarem aumentar a abrangência temática dos pesquisadores, portanto: a "história das mulheres como um campo de estudo não só acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história." (SHOIHET, 1997, p.402).

Dessa forma, compreende-se que a História das Mulheres, como campo de estudos dentro da História, mostrou a diversidade do próprio conceito de "ser mulher", pois diferentes condições étnicas, de escolaridade, socioculturais e socioeconômicas implicavam em experiências históricas distintas. Era preciso entender a complexa atuação da mulher na sociedade a partir das dimensões de sua experiência histórica e reconhecer a existência de múltiplas identidades.

Essa visão colaborou para a ampliação do campo da pesquisa e compreensão históricas, pois, por muito tempo, a História se caracterizou com uma "narrativa sobre o sexo masculino, e constitui o gênero ao definir que somente, ou

principalmente, os homens fazem história." (PEDRO, 2005, p.87). A disciplina histórica pode, portanto, ser de grande auxílio para o combate a estereótipos e preconceitos, porém, também pode servir para reproduzir os discursos hegemônicos. Sobre isso, afirma Joana Pedro:

Com estes aportes, é necessário pensar que pesquisas estamos fazendo na História. Estamos usando esta disciplina para reforçar a heterossexualidade ao considerá-la como a norma? Como estamos observando os discursos da constituição do Estado? O que é generificado nestes discurso? Quais relações são feminilizadas e quais masculinizadas? (PEDRO, 2005, p.92)

Descentralizar o discurso da disciplina também é o foco da crítica decolonial, que contesta os modos como a historiografia ainda coloca o Ocidente como o padrão e parâmetro intelectual, geográfico e epistêmico. Segundo Peter Burke, "uma das principais razões para a reação contra a grande narrativa da civilização ocidental consistiu na consciência cada vez maior daquilo que ela havia deixado de fora ou tornado invisível". (BURKE,2008,p.64). Os historiadores nativos de regiões colonizadas e subalternizadas desejam mostrar uma outra perspectiva da escrita da história, partindo da ideia de que são agentes de sua própria história, pois "no domínio da disciplina da História, e no seio da academia, a Europa permanece soberana e continua sendo o sujeito teórico de todas as histórias" (JÚNIOR, LIMA, ALMEIDA, 2015, p.69).

Na visão dos autores Júnior, Lima e Almeida (2015) o que acontece é que a narrativa histórica de regiões como o Brasil, por exemplo, acaba "girando em torno" ou sendo construída como uma nota de rodapé da história europeia. Essa perspectiva é facilmente constatada quando se analisa, por exemplo, o modo como o estudo da História está organizado nas escolas de educação básica do Estado de São Paulo (tal como se vê ao longo desse trabalho). A importância do reconhecimento de uma história local e, especialmente, de diferentes tradições epistemológicas faz-se urgente, mas por que essa história eurocêntrica ainda persiste? Nos termos de Subrahmanyam existe uma

falta de comunicação entre as tradições acadêmicas. O conhecimento exótico, por assim dizer, teve dificuldade de sair da senzala dos desprovidos para a casa grande do conhecimento geral. (SUBRAHMANYAN, 2017, p.223).

Nesse sentido, é importante lembrar que a prática imperialista vai além da dominação econômica e militar de uma região que deseja manter seu poder sobre

outra: ela é, também, uma dominação do “ser e do saber”. No entanto, essa história centralizadora já não satisfaz. Afinal, “mesmo uma história egoísta precisa reconhecer a existência do Outro” (SUBRAHMANYAN, 2017, p.223).

Porém, quando se analisa 'como' esses debates chegam ao ensino básico e como são abordados nos materiais didáticos selecionados (livros didáticos e currículo do Estado de São Paulo) o que se percebe é que pouco são considerados. Em relação à temática feminista, ao analisar os livros didáticos, observa-se que não há a existência de um capítulo sequer dedicado a esse segmento. A referência às conquistas femininas, suas lutas e às condições de vida das mulheres aparecem sempre em como um “apêndice”.

Nota-se que os livros didáticos aqui analisados abordam de maneira superficial a história das mulheres quando tratam, por exemplo, de temáticas políticas como a Primeira Guerra Mundial, momento no qual sempre há uma referência à vida das mulheres, quando elas passam a conquistar mais postos de trabalho fora do ambiente doméstico, enquanto seus maridos estão em batalha.

Outro momento em que existe indicação sobre a temática, é quando se trata das lutas e movimentos sociais do século XIX. Alguns livros mencionam as lutas feministas e as pautas defendidas pelas ativistas do período. A maior parte dos livros também expõem um pouco da história das mulheres quando tratam do tema Revolução Industrial, levantando informações de como era o trabalho das mulheres dentro das primeiras indústrias, bem como suas formas de organização e reivindicações. Outros livros ainda trazem, por exemplo, ao tratar de Islamismo, uma curta referência à vida das mulheres dentro da sociedade muçulmana, e outros abordam essa temática ao observar, por exemplo, a vida da mulher no Egito Antigo ou na Grécia antiga.

É interessante perceber que, em todos esses exemplos, a história das mulheres aparece nos materiais didáticos sempre da mesma forma, como pequenos textos em anexos, fragmentos que não são aprofundados, como mostram as representações retiradas de livros didáticos analisados neste Projeto (Anexos A e B).

Nota-se, no anexo A, que os autores optaram por fazer uma breve referência à história da mulher e de sua condição social no Egito Antigo, relatando alguns nomes de mulheres que foram faraós. Já no anexo B, observa-se a menção ao trabalho feminino durante a Primeira Guerra Mundial. Nesse caso, a referência aparece em um texto 'principal' e não em um anexo como na primeira imagem.

Porém, mais uma vez, o texto é curto e superficial. Não há aprofundamento do contexto e dos desdobramentos das lutas e conquistas femininas no período e após.

Outra importante constatação é que os livros não fazem referência à história das mulheres no Brasil, especificamente, mas aparecem sempre em temas de "História Geral", geralmente relacionados à história europeia. O que nos faz pensar o quanto a temática é realmente desconsiderada nos materiais didáticos e quanto é preciso atualizar e avançar nesse sentido, pois não se tem ali representado uma história das mulheres, quem dirá uma história das mulheres relacionada ao país no qual o aluno vive.

Já em relação à temática decolonial e ao tratamento dado a esse tema nos materiais didáticos, observa-se que a estrutura curricular está baseada em uma história linear e eurocêntrica. Por consequência, os livros, ao acompanharem tal estrutura, apresentam também uma história que coloca, no centro de sua narrativa e organização, a Europa. Assim, nota-se que a história de outras regiões e de outras tradições epistêmicas são sempre referenciadas quando relacionadas à história europeia.

Diante dessas análises compreende-se que esses dois segmentos, feminista e decolonial, contribuem para a expansão dos limites da história, mas que ainda é necessário maior diálogo entre o que é produzido no campo acadêmico e o que é ensinado nas escolas. No Brasil, observa-se de modo crescente estudos dentro da vertente feminista, especialmente estudos que procuram salientar as experiências das mulheres negras e pobres no país, identificando que esse grupo sofre diversas formas de opressão e exclusão (mais que mulheres brancas e ricas, por exemplo). Já com relação aos livros didáticos, observa-se que de maneira tímida, buscam destacar a condição da mulher perante determinados momentos históricos, mas isso ainda é muito específico. Os estudos decoloniais ainda não possuem a mesma abrangência nas pesquisas acadêmicas brasileira, especialmente na historiografia. Por consequência, na educação básica persiste, também, uma centralidade da história europeia e de suas tradições intelectuais, que emergem como tema e como parâmetro de construção da narrativa.

7) Metodologia/Detailamento do projeto/Plano de ação

7.1 Sujeitos da Intervenção:

O projeto se destina a alunos de Ensino Médio da educação básica, especificamente alunos da 3ª série, com faixa etária entre 16 e 17 anos. A escolha

deste público alvo levou em consideração a maturidade e autonomia para os estudos e pesquisas que são esperados nessa fase escolar. A escolha considera, também, os saberes adquiridos por esses alunos e alunas ao longo dos anos de estudo e seus conhecimentos prévios, “bagagens” que trazem de suas próprias vivências.

7.2 Instrumentos da Intervenção:

Durante a realização do projeto, os alunos investigarão os livros didáticos de História das séries anteriores e de sua própria série. O objetivo será o de analisar como diferentes grupos sociais, em especial o grupo das mulheres, é abordado nos livros. Pretende-se, ainda, induzir os estudantes a analisarem criticamente outros materiais, que serão cedidos pela professora ao longo do projeto. Esses materiais deverão ser:

- a) imagens;
- b) letras de música;
- c) obras artísticas;
- d) textos diversos.

Vejamos, a seguir, a descrição de cada instrumento utilizado:

A imagem, história em quadrinho-Xaxado², faz uma crítica aos "padrões" dos personagens que aparecem nos livros didáticos, insinuando que tais materiais só apresentam a história com personagens brancos, de olhos e cabelos claros, realizando, inclusive, “branqueamento” de personagens negros. Portanto, há uma crítica à “História Tradicional”, eurocêntrica, presente nos livros didáticos. (ANEXO C)

A letra de música (samba-enredo da escola de samba Mangueira-2019) traz uma discussão que se relaciona com a imagem do anexo C, na medida em que, propõe uma reflexão sobre a História do Brasil e critica o livro didático, apontando personagens e fatos dessa que não aparecem “no retrato”, nas narrativas oficiais de construção da nação. (ANEXO D)

² Veja animações da Turma do Xaxado <<http://www.irdeb.ba.gov.br/xaxado/>>. Acesso em 30/06/2019.

A obra artística³ (Parede de Memória) de Rosana Paulino é uma crítica à ausência de representação da mulher negra na história e nas artes brasileiras. A autora uniu imagens de seus familiares e as repetiu por diversas vezes, em uma clara ideia de tornar visível e preservar a memória e a ancestralidade do povo negro. (ANEXO E)

Por fim, o texto utilizado propõe uma reflexão sobre a representação das mulheres nos materiais escolares. Ele é parte de um trabalho acadêmico no qual as autoras, Amália Kelly Rambaldi e Melissa Probst, realizaram uma pesquisa sobre livros didáticos de História de diferentes períodos, a fim de perceber as mudanças na representação da mulher ao longo do tempo. (ANEXO F)

7.3 Procedimentos da Intervenção

1º momento: Orientação e apresentação do projeto. Nessa fase, serão trabalhados com os alunos os dois primeiros materiais acima destacados: a história em quadrinho *Xaxado* e o samba-enredo de 2019 da escola de samba Mangueira, *História pra ninar gente grande*. A análise desses documentos tem como objetivo conduzir os alunos a uma reflexão crítica acerca do Ensino de História, seus temas e personagens. Reflexões como: o que são sujeitos históricos? A História é feita por todos os sujeitos históricos? O que a letra do samba-enredo sugere quando afirma "com versos que o livro apagou"? A partir de seus conhecimentos e dos anos de estudo de História na escola, você acredita que todos os sujeitos históricos são contemplados no discurso histórico tradicional do livro didático? Para o autor do quadrinho, como são apresentados os personagens históricos do livro didático? Quais estão ausentes? Mulheres e homens são retratados de maneira igual nos discursos históricos do livro didático?

2º momento: Após a análise crítica dos dois documentos, os alunos passarão para a etapa da pesquisa, na qual investigarão, nos próprios livros didáticos da escola, os modos como os diversos personagens e temas históricos são abordados, com ênfase para a pesquisa sobre a História das Mulheres. Nessa etapa, os alunos serão divididos em sete grupos, um para cada ano/série de ensino (do 6º ano EF até a 3ª série EM) e irão dispor de uma tabela onde devem preencher as impressões e os resultados das pesquisas realizadas:

³ Nesta pesquisa sugere-se que os alunos entrem no site da Pinacoteca de São Paulo, onde poderão ler e ver sobre a exposição da autora. Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/programacao/rosana-paulino/>> acesso em: 02/07/2019.

Tabela 1: anotações da pesquisa no livro

Livro analisado da série/ano escolar:	
Todos os sujeitos históricos são retratados no livro com igual proporção? Dê exemplos:	
Quais estão ausentes?	
Que fontes históricas o livro sugere para análise?	
Como o livro aborda a História das Mulheres ?	
Como essas mulheres são representadas? São todas iguais? Elas trabalhavam? Estudavam? Eram independentes?	

3º momento: Os alunos investigarão, junto às turmas das séries respectivas sobre as quais ficaram responsáveis, sobre as impressões dos mesmos em relação à forma como diferentes sujeitos históricos são abordados no livro didático, com ênfase para a História das Mulheres. Nessa etapa, os próprios estudantes ficarão responsáveis por fazer uma breve revisão do conceito de "sujeito histórico". Ao final dessa etapa, aplicarão a pesquisa, com base na tabela abaixo:

Tabela 2: anotações da pesquisa com a turma:

Série/ano da turma:	
Na sua visão o livro aborda a história de todos os sujeitos históricos?	_____ SIM _____ NÃO
Quais sujeitos poderiam ser contemplados, mas estão ausentes no discurso do livro didático?	
Como a História das Mulheres é abordada no livro didático? Dê exemplos:	

4º momento: De posse dos resultados obtidos nas duas pesquisas registradas nas tabelas, os grupos irão produzir suas análises e apresentá-las para a classe. A apresentação poderá ser em forma de seminário. Nesse momento, espera-se que os

alunos apresentem suas impressões sobre a ausência ou presença de determinados sujeitos históricos nos livros didáticos e a forma como estão representados.

5º momento: Pesquisa sobre a obra "Parede de Memória", da artista Rosana Paulino, e sua busca pela representatividade da mulher negra na história brasileira. Essa fase acontecerá junto à leitura do texto "E onde estão as mulheres, nos livros didáticos?" (trecho da pesquisa realizada pelas autoras Amália Kelly Rambaldi e Melissa Probst). Nesse momento, busca-se refletir com os alunos a especificidade da representação das mulheres nos livros didáticos.

6º momento: Nessa etapa a sala produzirá, em conjunto, uma forma de intervenção na escola a fim de expor suas pesquisas, suas conclusões e sugestões sobre a importância de contemplar e incluir a multiplicidade de dos sujeitos e temas históricos nos materiais escolares, pois a questão discutida será: *todos temos história?*

7.4 Resultados Esperados

Essa intervenção poderá ser apresentada de diversas formas, tais como: apresentação teatral, musical, exposição de fotos, produção de panfletos, vídeos e, como obrigatoriedade para todos os grupos, a produção de um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema. Assim, de maneira geral, espera-se que os alunos consigam perceber a diversidade de sujeitos históricos, compreendendo que, muitas vezes, apenas o uso do livro didático não apresenta plenamente a multiplicidade de experiências e visões de mundo na história.

7.5 Avaliação da Intervenção

O projeto tem por objetivo, como apresentado acima, chamar a atenção para a diversidade de sujeitos nas narrativas historiográficas, bem como induzir os estudantes a produzirem pesquisa, coleta de dados, análise, interpretação, e, por fim, a socialização dos saberes e habilidades adquiridos. Deverá ser observado, ao final do projeto, se os prazos foram adequados às tarefas solicitadas aos alunos; se o produto final cumpriu a finalidade de demonstrar que todos são sujeitos históricos e têm história; e se a publicação coletiva dos resultados das pesquisas dos alunos cumpriu a função de disseminar informações e impressões adquiridas durante o projeto. Nesse sentido, a aplicação de uma avaliação do projeto feita pelos alunos também pode ser uma ferramenta importante. .

8) Cronograma

Cronograma de Execução						
Item	Atividade	Período (mês)				
		Ago	Set	Out.	Nov.	Dez.
1	Orientação e apresentação do projeto. Reflexão crítica com apoio dos primeiros materiais listados: a história em quadrinho <i>Xaxado</i> e o samba-enredo de 2019 da escola de samba Mangueira.					
2	Divisão dos grupos e realização da pesquisa nos livros didáticos da escola (preenchimento da tabela 1).					
3	Aplicação da pesquisa com as turmas de séries/anos anteriores da escola (preenchimento da tabela 2).					
4	Socialização, com a classe, dos resultados obtidos nas pesquisas realizadas durante as etapas anteriores. Produção de seminários.					
5	Reflexão crítica sobre a especificidade da representação das mulheres nos livros didáticos, com apoio dos últimos materiais listados: a obra <i>Parede de Memória</i> e o <i>Texto Acadêmico</i> .					
6	Intervenção na escola a fim de expor as pesquisas, as conclusões e sugestões sobre a importância de contemplar e incluir a multiplicidade dos sujeitos e temas históricos nos materiais escolares.					

Fonte: Elaborado pela autora.

9) REFERÊNCIAS:

Bibliografia (acadêmica):

ALMEIDA, Carolina Soccio di Manno; JUNIOR, Antonio Manoel Elíbio; LIMA, Marcos Costa. Provincializar a Europa: a proposta epistemológica de Dipesh Chakrabarty. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS* Vol. 7 Nº 13, Julho de 2015, p. 61-79.

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues. **Narrativas e (re)invenções de uma professora em movimento**. *Revista História Hoje*, v.3, nº6, p325-339 - 2014. Disponível em:<<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/149>> Acesso em: 29 de setembro de 2018.

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BURKE, Peter, 1937. *O que é história cultural?*; tradução Sergio Goes de Paula. - 2 ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005, p.77-98.

PINSKY, Carla Bassanezy. Estudos de Gênero e História Estudos de Gênero e História Social. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

PRATS, Joaquim. **Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos**. *Educ. rev.* [online]. 2006, n.spe, pp.01-20. ISSN 0104-4060. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.406>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000400011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 28/09/2018.

SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Mariana, v. 6, n. 11, p. 173-189, abr. 2013. ISSN 1983-9928. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/554/352>>. Acesso em: 31 mar. 2019. doi:<https://doi.org/10.15848/hh.v0i11.554>.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 30. N. 60, p. 219-240, jan-abril, 2017.

THEOPHILO, Gabriela Mitidieri. Uma poética da relação: a conversa infinita entre Édouard Glissant e Michel Leiris. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Mariana, v. 11, n. 27, jul. 2018. ISSN 1983-9928. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1290>>. Acesso em: 31 mar. 2019. doi:<https://doi.org/10.15848/hh.v0i27.1290>.

Recursos didáticos

Livros didáticos:

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. Conexões com a história. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2016. obra em 3 v.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myria Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2016. obra em 3 v.

BOULOS Júnior, Alfredo. História sociedade & cidadania. 2 ed. São Paulo: FTD, 2016. (coleção história sociedade & cidadania). obra em 3 v.

COTRIM, Gilberto. História Global. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2016. Obra em 3 v.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. #Contato história, 1º ano. 1ª ed. São Paulo: Quinteto Editorial. 2016. (coleção #contato história). obra em 3 v.

Documentos:

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo : SE, 2012. 152 p. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>> acesso em: 27 de março de 2019.

Brasil. Ministério da Educação. PNLD 2018: história – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 108 p. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/pnld-2018/>>. Acesso em: 29 de março de 2019.

Samba enredo da Mangueira em 2019. " História pra Ninar Gente Grande". Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>. Acesso em: 31 de março de 2019.

Tabela "resumo por editora PNLD 2018". Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>>. Acesso em: 30 de março de 2019.

10) ANEXOS

ANEXO - A

◆ Sociedade e economia

No topo da hierarquia social egípcia estavam o **faraó** e sua família. Assessorado pelos funcionários públicos, pelos altos militares e pelos escribas, o faraó tinha, em princípio, todos os poderes de decisão sobre a sociedade, e todos os recursos materiais do país lhe pertenciam. Entre suas atividades, as de maior destaque eram fiscalizar as obras públicas, comandar as tropas e, em razão do seu caráter divino, assegurar a ordem cósmica por meio de ritos e celebrações religiosas.

O grupo mais poderoso social e politicamente era o dos **sacerdotes**, que incluía mulheres e era dividido em diversas categorias. Os sacerdotes eram muito instruídos e respondiam pela administração dos templos, pelas festas e cerimônias religiosas. Eles não pagavam impostos e alguns enriqueciam com a realização de negócios particulares associados aos trabalhos nos templos.

Os **escribas** eram funcionários da administração do Estado e estavam entre os poucos que sabiam ler e escrever. Eram responsáveis pela arrecadação de taxas, pela fiscalização das construções, pela distribuição de recursos, pelos registros de contratos, testamentos e inventários, além de outras funções públicas.

O grupo dos **guerreiros** formava a tropa de elite do faraó, encarregados também pela guarda do monarca e de sua família.

Esses três grupos compunham a elite social egípcia e eram responsáveis pela administração estatal. Apesar de existir a possibilidade de ascensão social, ela era relativamente restrita, como mostra o texto a seguir:

“As listas de títulos e as genealogias mostram claramente que não havia uma casta de escribas distinta da casta de guerreiros ou dos sacerdotes. A classe dirigente era única e se confundia com os quadros administrativos. Em geral, todo bom estudante podia ocupar um cargo e ascender na carreira se sua competência e dedicação o distinguissem perante o rei, teoricamente o único árbitro em matéria de promoção social. Contudo era normal transmitir-se aos filhos pelo menos parte das funções, e não devemos dar muito crédito a uma retórica que se apressa em representar todo funcionário como alguém que o rei tirou do nada.”

YOYOTTE, J. O Egito faraônico: sociedade, economia e cultura. In: MOKHTAR, Gamal (Ed.). *História geral da África: África antiga*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011. p. 79. v. 2.

A mulher no Egito antigo

Na Antiguidade, o Egito era a única civilização na qual a mulher tinha um status igual ao do homem. Pesquisadores chegaram a essa conclusão ao encontrar evidências de que elas podiam ir e vir com liberdade, abrir processos, dispor livremente de seus bens, tomar a iniciativa do divórcio, além de possuir os mesmos direitos à herança que os homens. Apesar da grande desvantagem numérica em relação aos homens, algumas ocupavam cargos na administração do Estado e exerciam funções sacerdotais.

Até mesmo a função de faraó foi exercida por mulheres em diferentes dinastias: Sobekneferu (1806-1802 a.C.), Hatchepsut (1473-1458 a.C.) e Tausert (1193-1190 a.C.).

Estátua da faraó Hatchepsut, século XV a.C., encontrada em seu templo mortuário em Deir El Bahari. Museu Egípcio, Cairo. Observe que ela segura dois vasos de oferendas, os quais, provavelmente, continham vinho e leite. Acredita-se que essas oferendas serviam não só para garantir sua boa vida pós-morte, mas também para demonstrar que ela cumpriu sua função religiosa em vida.



Escribas egípcios representados em relevo produzido entre os séculos XXV e XXIV a.C., localizado no sítio arqueológico de Sacara, Egito. Observe a representação dos hieróglifos, acima da cabeça dos escribas. No Egito antigo, as funções com maior poder e prestígio eram realizadas por aqueles que sabiam ler e escrever; por isso, acabavam limitadas aos membros das elites locais.



Figura 1: referência a condição da mulher na sociedade do Egito Antigo. Livro *História das cavernas ao terceiro milênio*, ed. Moderna (2016).

ANEXO - B

Fim do conflito

Com o apoio financeiro e material dado pelo governo dos Estados Unidos a partir de 1917, os recursos da Entente e de seus aliados tornaram-se muito superiores aos da Tríplice Aliança. Esse apoio foi decisivo para a vitória da Entente.

No início de 1918, as forças lideradas pela Alemanha já estavam isoladas e sem condições de sustentar os combates. Em 11 de novembro daquele ano, o governo alemão assinou o **armistício**, com condições bastante desvantajosas. Aceitou, por exemplo, retirar suas tropas de todos os territórios ocupados durante a guerra, pagar indenizações e entregar aos adversários materiais como canhões e metralhadoras.

Armistício é o tratado que suspende as atividades de uma guerra.

Mulheres no trabalho industrial

A economia dos países que tomaram parte na Primeira Guerra Mundial foi direcionada para aumentar a produção dos artigos necessários à guerra, como armas, munições, veículos de transporte e tecidos para a confecção de uniformes militares. Como grande número de homens participava dos combates, considerável parcela de mulheres ingressou no mercado de trabalho, especialmente na Inglaterra, na França, na Itália e na Alemanha. Deste modo, as mulheres passaram a desempenhar funções que lhes eram incomuns, como motoristas de ônibus e caminhões, operadoras de máquinas e muitas outras atividades na indústria e no comércio.

Além disso, terminada a guerra, em alguns desses países, as mulheres conseguiram ampliar a luta por seus direitos, conquistando, por exemplo, o direito de voto. Em 1918, as mulheres conquistaram esse direito na Inglaterra. No ano seguinte, em 1919, foi a vez das estadunidenses.



Mulheres trabalhando com marmatona na França, em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial.

Investigando

- No Brasil atual, existem funções desempenhadas predominantemente por homens ou por mulheres? Quais são os caminhos para que todas as pessoas, independente do gênero, tenham as mesmas oportunidades e condições de trabalho?

Figura2: Referência ao trabalho da mulher durante a Primeira Guerra Mundial.
Livro *História Global* - vol. 3, ed. Saraiva (2017).

ANEXO - C

Material 1: Imagem (História em Quadrinho - Xaxado).

Disponível em < <http://www.autoresleitores.com/leitores/diadosaci.php>>

Acesso em: 07/07/2019



ANEXO - D

Material 2: Samba-enredo do GRES Estação Primeira de Mangueira- 2019

Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/sambaenredo>>.

Acesso em 28/06/2019

História pra ninar gente grande

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço

A Mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500

Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara

E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês
Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões

ANEXO - E

Material 3: obra "Parede de Memória"

Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/programacao/rosana-paulino/>>

acesso em: 02/07/2019.



ANEXO - F

Material 4: texto "E onde estão as mulheres, nos livros didáticos?"

Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/2743>>

acesso em: 28/06/2019.

Texto:

"E Onde estão as mulheres, nos livros didáticos?"

É fato consumado que, ainda, o livro didático é o suporte sobre o qual grande parte dos professores organiza suas aulas. Nesse contexto, "O livro didático tem se constituído na atualidade, como o material didático mais presente nas salas de aula dos diferentes níveis de ensino das escolas" (BITTENCOURT, 2010, p. 545). O livro didático é, assim, "apoio pedagógico, mas antes disso ele é mercadoria, é veículo de transmissão de ideologias, valores, representa um determinado grupo social e tem que ser analisado como tal" (FERREIRA, 2005, p. 69). Desse modo, é preciso levar em conta que os conteúdos que existem no livro didático, não são verdades absolutas. Faz-se preciso questionar, analisar criticamente os conteúdos que nele estão incluídos, pois estes trazem diferentes versões de uma mesma história. No Brasil, as políticas públicas utilizadas para o livro didático, são representadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Este programa foi criado em 1985 e tem como função avaliar e distribuir gratuitamente os livros didáticos nas escolas públicas do país. Diante disso, é preciso considerar que quando autorizado pelo PNLD os livros didáticos não se tornam um método pelo qual é preciso seguir estritamente. "Mesmo aprovado, ele traz consigo toda uma ideologia implícita, interesses capitalistas das editoras e opções teóricas, metodológicas e de conteúdos por parte dos autores e equipes editoriais" (FERREIRA, 2005, p. 70). Verifica-se, portanto, que houve grandes mudanças em relação aos livros didáticos, entretanto, a pergunta que aqui se coloca é: Como esses livros vêm abordando a história das mulheres e as questões de gênero? Para Leite (2010) partir da compreensão histórica das relações de gênero, o professor pode redimensionar sua prática, questionando a importância de determinados conteúdos, refletindo sobre sua compreensão sobre o passado e sobre sua relação com o planejamento e o uso do livro didático. "Há, portanto, a necessidade de desenvolvimento do uso crítico do livro didático por parte do professor junto com os alunos" (LEITE, 2010, p. 201). "